

## UM MODELO DE SUPERVISÃO\*

Véra Motta

### 1. INTRODUÇÃO

O ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA foi idealizado como um lugar sem drogas, que pudesse acolher os pacientes em tratamento no Centro, oferecendo-lhes a oportunidade de realizar atividades de cunho artístico e expressivo e permitindo-lhes, sobretudo, restaurar os laços sociais.

Para tanto, foram concebidas as chamadas Oficinas de Artes, que deveriam integrar atividades voltadas para a linguagem de Teatro, Música, Dança, Artes Plásticas, Vídeo, entre outras, que servissem de meio expressivo para o paciente, na cura.

O funcionamento dessas Oficinas pautou-se, inicialmente, por alguns critérios que serviriam de norteadores para a experiência. Deveriam ser as Oficinas conduzidas por Monitores estagiários das Unidades de Ensino das Universidades em colaboração com o Centro, ligadas às diversas formas expressivas, e seriam supervisionadas por uma equipe de Coordenação e Supervisão do Projeto ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA.

### 2. FUNCIONAMENTO

Desde o início, a Supervisão das Oficinas foi estabelecida em moldes pouco usuais, se considerarmos as experiências, nesse sentido, dos chamados Ateliês de Arte e Terapia Ocupacional instalados em instituições psiquiátricas, e mesmo em instituições para tratamento de toxicômanos. Nesses, em geral, o trabalho é conduzido por um Monitor, quase sempre um estagiário, acompanhado de perto – ou seja, no próprio Ateliê – por profissional de Psicologia ou de Psiquiatria da instituição, a quem cabe interpretar o conteúdo do material produzido pelo paciente.

Na experiência do ESPAÇO, concebida segundo um referencial de base psicanalítica, buscou-se privilegiar a atividade expressiva do paciente, integrando-se sua produção nas Oficinas por meio da interlocução, necessária, com o espaço psicoterápico.

Dessa forma surge, enquanto “modelo”, uma supervisão de caráter coletivo, em torno da qual se reúnem Coordenadora e Supervisores, de um lado, e estagiários das diversas oficinas, de outro. O encontro, semanal, desde a instalação do ESPAÇO, permitiu o acompanhamento, de perto, do andamento de cada Oficina em curso, verificando-se as incidências e efeitos do trabalho sobre os pacientes, de modo geral, e sobre cada um, em particular.

Neste sentido, foi possível observar fenômenos que aqui designamos de “transferência de trabalho” entre cada paciente e seu Monitor, devendo este último funcionar enquanto agente capaz de fazer emergir um saber-fazer do paciente. Tais fenômenos, contudo, não constituem obstáculo ao desenvolvimento de outros que são esperados no trabalho psicoterápico de base psicanalítica, os fenômenos propriamente ditos de “trabalho de transferência”, postos em ação a partir da fala dirigida ao Outro.

Ao contrário, a interlocução entre esses espaços se impôs, fosse através do paciente, que integrava o seu trabalho na Oficina aos conteúdos do trabalho psicoterápico, fosse através dos monitores das Oficinas, junto à Coordenação e Supervisão do ESPAÇO.

Paralelamente, recorreu-se ao expediente de supervisionar os trabalhos dos Monitores através de um acompanhamento individualizado, destacando-se um dos terapeutas da equipe de Coordenação e Supervisão para tal. A adoção desta medida resultou em grande benefício para a experiência, como um todo, na medida em que as marcas, próprias do estilo de cada um – Supervisor e Monitor – direcionaram, de forma singular, as atividades em curso.

Com o avanço da experiência de Supervisão, em suas duas faces – coletiva e individual –, verificou-se a oportunidade de introdução de mais um elemento, que viria reforçar a interlocução do espaço das Oficinas com o espaço psicoterápico: o encontro, periódico,

com um Clínico do Centro, responsável pelo acompanhamento psicoterápico de pacientes/participantes das Oficinas.

Esses encontros permitiram não só a explicitação de conteúdos postos em circulação pelos pacientes, nas diversas atividades do ESPAÇO, bem como sua compreensão, mais ampla, dentro do material produzido nas sessões psicoterápicas. Dessa maneira, guardam-se as especificidades e os limites de cada uma das formas de intervenção – Oficina e Psicoterapia –, sem, contudo, isolarem-se os produtos do trabalho e seus efeitos sobre o paciente, horizonte primeiro e último de toda e qualquer intervenção terapêutica.

O espaço coletivo de Supervisão propiciou ainda a reflexão, orientada, sobre práticas institucionais outras, que servissem não só de balizamento à nossa experiência, como também de reforço à tentativa posta em prática no Centro. Nesse sentido, buscou-se uma atualização da literatura sobre o tema, recorrendo-se a relatos de experiências realizadas com pacientes de instituições de saúde mental, em suas diversas modalidades e estratégias de abordagem.

## CONCLUSÕES

Por último, cabe assinalar que a experiência do ESPAÇO não se pauta em modelos ou técnicas pré-existentes, embora certas experiências institucionais forneçam valiosos exemplos para aqueles que lidam com o desafio de abordar, por diferentes vias, o fenômeno toxicomaniaco.

A ênfase à atividade expressiva dos participantes nas diversas Oficinas encontra apoio na literatura psicanalítica e nos mais variados relatos de experiências inspiradas na teoria e técnica psicanalíticas, em especial as conduzidas pela Dr<sup>a</sup>. Nise da Silveira, em seu insuperável trabalho junto à Casa das Palmeiras.

As atividades desenvolvidas nas Oficinas, cuja linguagem é antes de mais nada plural – Teatro, Dança, Música, Artes Plásticas, Vídeo, Fotografia, Criação Literária, entre outras que se verificam como possíveis – têm, evidentemente, função terapêutica, na medida em

que sua realização permite encontrar um lugar para a expressão da subjetividade do paciente.

O resultado disso pode ser atestado pelos efeitos que se produzem nos monitores, de um lado, e nos terapeutas, de outro. Com suas linguagens específicas, os monitores permitem ao paciente expressar o seu saber em um fazer, pondo-se à escuta de suas produções. Do outro lado, terapeutas encontram, além do campo propriamente dito da fala do paciente, uma outra linguagem que, também essa, faz o paciente falar. Assim, é na interlocução que as imagens do inconsciente, produzidas nos Ateliês, convertem-se em material simbolizável, pela palavra, nas sessões psicoterápicas.

As estratégias de Supervisão aqui adotadas, se não constituem, propriamente, um modelo, posto que não se servem de paradigmas existentes, nem tampouco se apresentam como exemplares, são, contudo, indispensáveis à condução da experiência que há dois anos vem se realizando no CETAD.

A face que agora se revela, na oportunidade do escrito que se comunica, tem a virtude de antecipar a surpresa dos novos desdobramentos, de uma experiência que se pretende singular.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Selma Maria P. Os mitos no módulo – clínica da toxicomania. *Saber e gozo – a entrada no tratamento*. V Jornada de Trabalho CMT. Belo Horizonte, FHEMIG, 1992; p.

3

6

-

4

2

.

Entrevista com Nise da Silveira. *Rádice, Revista de Psicologia*, 1,2,3. Rio de

Janeiro: Ed. Raízes, Psicologia e Informação, s/d.

Entrevista com Nise da Silveira. *Rádice, Revista de Psicologia*, Ano 1, n.4, p. 31-6. Trabalho: a melhor terapia. *Rádice, Revista de Psicologia*, Ano 3, n.13, p.10-12.

Entrevista com Franco Basaglia. Porque Tóxicos. *Rádice, Revista de Psicologia*. Ano 2, n.5, p.19-22.

---

\* Texto publicado em Cadernos do CETAD, Ano I, nº 01, *Espaço de Convivência*. CETAD/UFBA, out./mar.1997. Salvador: EDUFBA, 1997, p.11-13.